CÓDIGO A4 (entrevista)

ENTREVISTADOR - Qual a sua idade?

ENTREVISTADO - Então tá igual eu nunca lembro, rsrsr é 39.

ENTREVISTADOR - Composição da família

ENTREVISTADO - Esposa e 2 filhas. Uma de 17 e outra de 11.

ENTREVISTADOR - Elas moram com vocês ainda?

ENTREVISTADO - Sim.

ENTREVISTADOR - A origem da sua família?

ENTREVISTADO - A minha família do Nordeste. A minha mãe é do Pernambuco, o pai é o do Rio Grande do Norte. E eu nasci na Bahia, minha irmã nasceu no Alagoas.

ENTREVISTADOR - Há quanto tempo você mora aqui? Você veio pra cá pequeno

ENTREVISTADO - Em California. 84, 86. 34 anos.

ENTREVISTADOR - A área da sua propriedade?

ENTREVISTADO - 65 hectares

ENTREVISTADOR - Em relação à questão da atividade principal do estabelecimento?

ENTREVISTADO - Sistemas agroflorestal. SAFs.

ENTREVISTADOR - A sua mão de obra é contratada, ou só famíliar?

ENTREVISTADO - Familiar

ENTREVISTADOR - A sua relação com o mercado, é toda via cooperativa? Ou você tem outra forma?

ENTREVISTADO - O principal é cooperativa

ENTREVISTADOR - Tem alguma outra renda? Alguma outra atividade remunerada?

ENTREVISTADO - A gente começou a pouco tempo com a pecuária. Tem 1 ano. Em outra propriedade não na nossa. Né. Que tem pasto e tal.

ENTREVISTADOR - Algum membro da família recebe algum auxílio do governo?

ENTREVISTADO - Não.

ENTREVISTADOR - Quando você iniciou? Quais as dificuldades que você enfrentou? E como superou?

ENTREVISTADO - Eu e ela (esposa) iniciamos, a gente não tinha experiência. Não tinha intimidade com a agricultura.

ENTREVISTADOR - Você antes de trabalhar no SAF, você tinha outra atividade comercial?

ENTREVISTADO - Tinha. Eu trabalhava, era empregado, tinha um emprego. Trabalhei 4 anos como bolsista, e quando eu comecei eu já o plantio do SAF, tinha o emprego celetista né. Aí tinha que conciliar no final de semana e feriado, tinha que vir cuidar do SAF. Mas foi um aprendizado, fui aprendendo que eu tinha que me dedicar mais pra aprender, formar alguma coisa.

ENTREVISTADOR - Isso tem aproximadamente quanto tempo?

ENTREVISTADO - O início foi 2005. Final de 2005, na verdade, final de 2005. Segundo semestre de 2005

ENTREVISTADOR - Então é mais ou menos uns 15 anos.

ENTREVISTADO - Só complementando. Eu falei trabalhei 4 anos como bolsista, mas foi nas áreas do RECA, que eu iniciei o trabalho. Logo que me formei já comecei a trabalhar com o INPA, era um instituto de pesquisa igual a EMBRAPA do Amazonas. Não sei se vocês conhecem? E a partir desse trabalho acompanhando, eu trabalhava no projeto de pesquisa, mas também ficava a disposição do RECA né. Reuniões, acompanhava, nesse processo a gente foi se integrando e aprendendo.

ENTREVISTADOR - Você já conhecia o RECA?

ENTREVISTADO – Já conhecia, porque. Quando eu saí pra estudar, eu tenho formação técnico agrícola.

ENTREVISTADOR - Os seus pais chegaram a morar aqui?

ENTREVISTADO – Moraram.

ENTREVISTADOR - Então você também saiu pra estudar?

ENTREVISTADO – Saí, fiquei 4 anos. Eu estudei em Ariquemes, na antiga EMAC, hoje é o IFRO. O IFRO de Ariquemes foi onde eu estudei. A primeira vez que eu saí pra fora, foi quando eu fui estudar lá, ficar lá internado lá. E pra ir pra escola já, eu consegui uma vaga com o apoio do RECA, na época. (Era uma parceria). O RECA assim, ele ajudou alguns, igual a Eunice, vocês conheceram, eles ajudaram financeiramente alguns, e outros nossa turma nós fomos em 6, mas o RECA indicava pra conseguir a vaga na escola. Fazia uma provazinha, mas como tinha uma indicação do RECA já tinha mais facilidade. Então até a minha mãe conta a história que eu não lembro, minha mãe nunca

foi muito da roça. Ela trabalhava na escola aqui né de zeladora. Ela fala que eu que insisti pra ela ir lá no presidente na época pra ele conseguir vaga pra mim. Era o Sérgio Lopes, um dos fundadores. Mas eu não lembro dessa história, que eu fiz ela ir lá. Eu não lembro desse meu lado que tinha tanta vontade de estudar, preguiça de estudar hoje. Então assim, com esse trabalho que a gente foi interessando em fazer plantio, SAF, querer aprender igual a gente tá hoje. Então iniciou com o trabalho de pesquisa e depois, uma das pesquisas era do pai dela aqui.

ENTREVISTADOR - Foi assim que vocês se conheceram?
Você disse que não tinha esse conhecimento prático no início. Então como que foi? Você teve o apoio dos agricultores daqui da região pra você iniciar? Foi o próprio RECA que te deu esse suporte de conhecimento? Como que foi o aprendizado pra você começar sua produção?

ENTREVISTADO – Foi vários apoios que a gente teve. O primeiro apoio foi o financiamento pra implantar a primeira área. Foi um financiamento do Banco do Brasil com o RECA apoiando. É talvez esse foi o segundo apoio, o primeiro foi o meu sogro que liberou a área pra gente plantar. Ele tinha uma área, vocês podem plantar aí, vão plantando aí, depois a gente resolve se é de vocês ou não. Daí como a gente não tinha experiencia, ele sempre acompanhava e ajudava né. Tinha a experiencia dele e também um cumpadre meu né, que o meu ex-co-cunhado, que ele já tinha, ele já era, é vizinho aqui deles, ele já tinha experiência de plantio, que ele começou cedo a trabalhar e com plantio, mas você planta primeiro pupunha com andiroba, então como eu não tinha experiência né e tal de manejar, época certa de limpar. Começou não vamos colocar veneno né. Mas aí pra quem tá começando aí plantar numa área de pastagem foi bem complicado. Aí fui vendo com ele como que fazia e fui fazendo igual né, pra poder também pra desenvolver, aí depois de um tempo a gente viu, mudou, resolveu mudar, tirar , acabar com o veneno e entrar com o orgânico .

ENTREVISTADOR - No seu caso você começou a fazer algum curso, desses cursos técnicos, do pessoal que vinha pra auxiliar nisso, ou foi mais esse aprendizado empírico de você vê as pessoas fazendo?

ENTREVISTADO – Cursos, fiz alguns sempre, mas é mais essa prática do dia a dia, ve o agricultor fazendo, conversando.

ENTREVISTADOR - Teve alguma coisa que você chegou a iniciar fazer que não deu certo?

ENTREVISTADO – Alguma coisa? Tem o que a gente tentou, uma cultura que a gente tentou iniciar, foi um plantio de cacau que não deu certo.

ENTREVISTADOR - O fato de você iniciar o plantio de cacau, foi alguma indicação de alguém? Vocês tiveram a intenção?

ENTREVISTADO – Foi intenção nossa pra diversificação da produção. A gente já tem cupuaçu, tem pupunha, tem açaí plantado não tá , a gente queria diversificar mais, algo mais né. A gente tentou o cacau e não deu certo.

ENTREVISTADOR - Tem algum porque que não deu certo? Você conseguiu identificar por que não deu certo?

ENTREVISTADO – Tem um porque. Como lá o cacau, não conhece ninguém com área orgânico, pra começar orgânico é muito complicado, tem muita erva daninha pra você controlar, é a questão da fertilidade do solo, as vezes você não consegue aplicar um adubo correto na hora. Um dos complicador lá é que o cacau é mais exigente em nutrição da terra né. E lá é uma área bem fraca, eu precisava ter melhorado ela, eu ainda não tive como fazer isso, não tive muito opção de adubo no mercado, convencional você acha né, em qualquer lugar.

ENTREVISTADOR - Nessa época você já estava com orgânico?

ENTREVISTADO – Já, já estava. Tem uns 2 pra 3 anos que a gente começou a querer plantar o cacau. E assim uma dificuldade que a gente tem também nessa parte é o manejo de erva daninha, essa dificuldade, você quer trabalhar em grandes áreas né. Tanto pra você começar um plantio novo é um desafio grande. Eu tentei pesquisar algum solo do tipo rolo faca, tem uma máquina que é mata por choque o capim, só que eu não consegui nem preço pra cotar aqui, então essa dificuldade que tem pra certificação, o controle do mato, é uma dificuldade muito grande.

ENTREVISTADOR - E isso até hoje?

ENTREVISTADO – Até hoje. Uma área que você iniciar, depois que tá formada, é mais fácil controlar. Cê só roçando, você consegue manejar, agora no inicio é muito complicador. Do adubo até que a gente resolveu, no RECA tem o composto, a gente sabe que vai ter um pó de rocha pra usar, agora tá até mais prático.

ENTREVISTADOR - No teu caso assim, quando você iniciou a questão da comercialização, foi facilitada pela cooperativa? Como é que foi isso? Foi um benefício que veio pra você?

ENTREVISTADO – Sim. Nunca perdeu produção por falta de venda não, pode ser por outro motivo, falta de escoamento, de venda não.

ENTREVISTADOR - Então no caso a questão de cursos, até hoje ainda tem. Vocês estão sempre buscando algum curso que possa estar auxiliando vocês? Ou é mais na prática entre vocês mesmo?

ENTREVISTADO – Nem tanto. Já teve até mais no RECA né. Esse ano a gente não participei de nenhum. Acho que teve 1 ano passado. Não muito, mas a gente sempre busca, eu participei pouco, tava trabalhando no RECA, como presidente, mas a minha esposa participou. Foi um rapaz que veio de fora, muito bom, Sebastião Pedro, mas nessa linha de orgânicos, né, produtos naturais, aprendeu bastante coisa com ele.

ENTREVISTADOR - Vocês consideram que quando tem esses cursos, esses treinamentos, isso ajuda bastante, auxilia bastante a produção de vocês?

ENTREVISTADO – Ajuda sim. A gente não vai conseguir assimilar tudo, mas sempre tem alguma coisinha que você aprende e fica o dia inteiro mas se escutar um minuto, dois minutos da fala, que aquilo já vale a pena ter participado, ter investido um dia pra tá aprendendo né.

ENTREVISTADOR - Já aconteceu de vocês terem algum curso ou alguma tecnologia que vocês trouxeram e fizeram alguma readequação, uma adaptação, dentro do dia a dia de vocês?

ENTREVISTADO – Agora de momento assim eu não lembro, mas pode ter feito, mas não lembro.

ENTREVISTADOR - Mas já aplicaram algum conhecimento ou tecnologia que vocês aprenderam?

ENTREVISTADO – Sim, sim.

O composto pra nós que é novo, o biofertilizante, a gente já trabalha a bastante tempo no RECA, só tinha dado uma adormecida. (biofertilizante) tem também mas o maior volume, maior escala é o composto orgânico do RECA né, com nossos resíduos, tá tendo um resultado muito bacana.

ENTREVISTADOR - Tem quanto tempo?

Fábio - A gente fez uma receita no ano passado, e a segunda agora. Tá no segundo ano.

ENTREVISTADOR - E tem dado um resultado bem positivo? Apesar desse ano, interferiu algo?

ENTREVISTADO – Não, não interferiu não, com o composto não. Eu tô até precisando de mais lá, mais ainda não tá liberado.

Fábio - Que é um conjunto de coisas né. A gente aplica as vezes isoladamente, não vê resultado tão rápido, mas a gente aplica conjunto das ferramentas agroecológicas a gente vê mais resultado prático rápido. A gente tem as, como que chama, as opções, que são muito boas, calcário, correção do solo, pó de rochas, rejuvenesce o solo, melhorar a parte física, aí o composto, a matéria orgânica, biofertilizante ético, nitrogênio.

ENTREVISTADOR - Tudo isso vocês que estão desenvolvendo aqui, ou isso veio de fora e vocês estão fazendo uma adaptação?

Fábio - O composto sim, foi uma pesquisa nossa, com aquilo que a gente tinha, foi adaptado. com aquilo que tava no livro com aquilo que a gente tem. A gente conseguiu sucesso nisso né. Biofertilizante também, tem várias receitas, a gente usa aquela que tem mais acesso aos ingredientes, digamos assim, tem várias receitas.

ENTREVISTADOR - No caso, isso é pra todos que estão na cooperativa? Todos tem acesso?

23:25

ENTREVISTADOR - Vocês são técnicos. Vocês mesmo fazem ou tem alguma visita técnica?

ENTREVISTADO – Tem, mas é bem específico. Tipo, tem mais no nosso caso aqui quando tem que renovar o registro da semente de pupunha, então eles vem e faz a visita né. A certificação orgânica vem 2 vezes por ano e tem as assistência oficial, tem a EMATER que vem também , e vem mais específica pra em cima do crédito quando a gente precisa né, mas acontece, mas não muito.

ENTREVISTADOR - Vocês já estão em uma nova geração, entaõ vocês tem toda a questão do conhecimento prático, do pai, do sogro. E vocês já tem essa outra vertente que é mais conhecimento técnico. Você considera as duas coisas importantes. Uma tem mais importância? Como você pontua isso?

ENTREVISTADO - É difícil avaliar, assim de cara não consigo avaliar. Mas os dois são importantes, o conhecimento de. Até porque assim, quando você fala em SAF, cupuaçu, é algo novo né, não é igual pecuária que você tem em todo lugar, você acha, aqui na vila você vai preciso de um produto X , você vai lá e encontra. Então nessa área que a gente trabalha, até não existe tanta tecnologia né, tem dificuldade de manejar a erva daninha lá na minha área que é orgânica, então tecnologia mais é o braço mesmo que funciona , mas nem tanto assim. Mas até uma das conversas que a gente teve no RECA né, eu lembrei agora, tava discutindo, é como é que a gente consegue aliviar a carga né, porque trabalhar com carga é muito pesada, muito manual, muito exercício manual, tem um que é mecanizado, pra roçar, adubação, nossa tudo é manual. Jogar o composto, até falei com alguém já, como que não vai desenvolver uma máquina pra jogar esse composto, porque ele é bom, ele é barato, mas ele é pesado. Eu tenho problema no nervo ciático, eu fui jogar agora, joguemos 10 toneladas, eu e a minha mulher. Ela vai pilotando o tobatinha né. Daí é melhor, muitos nem tem, vai na carriolinha e no balde, e eu em cima com a pá, jogando. Mas como meu nervo ciático já é estourado, eu fiquei sentindo, tive que tomar uns remédios forte lá pra poder aliviar a dor. Então a máquina pra isso , existe uma coisa pra adaptar, mais própria não tem, pra SAF, pra trabalhar numa área que tem que ser uma maquininha baixa que passa, o trator não vai passar no meio do SAF que é bem adensado né. Então assim vai voltando lá, mas é pelo conhecimento é de quem começou e a gente vai melhorando alguma coisa né. E tá todo mundo aprendendo junto ainda né, é novo. SAF, fala-se de SAF há 30, 40 anos, eu comecei mexer a 15, ela menos tempo né. Então as técnicas que existem hoje são essas bem antigas , que é podar, é adubação, é uma irrigação que a gente ainda não trabalha aqui né. Então mas aos poucos tá aplicando, tem produtor que já tá falando em irrigação hoje né. a gente tá discutindo já alguns anos, da gente puxar um canal aqui, do rio Abunã, pra irrigar as áreas, só que embarrou na parte financeira né, que no dinheiro né. Então assim aqui na nossa comunidade, ainda é bem favorecida em relação a isso, porque tem muitos técnicos formados que ajudam assim a discutir o que é que nós vamos fazer agora pro futuro com o nosso SAF pra produzir mais durante o ano, ter um SAF mais alongada né.

ENTREVISTADOR - E o que vocês fazem para superar essas dificuldades? Esses problemas do dia a dia? Fazem alguma adaptação?

ENTREVISTADO - É trabalhar né. Não tem como correr não. Você tenta conversar com um e outro, pra tentar, como eu falei, reduzir a carga né. Reduzir a carga e fazendo o que pode né. No nosso caso aqui, facilita muito, porque a gente tem muita maquininha, tem os microtrator né, então pra colher facilita muito né, pra levar adubo, pra transportar tudo que precisar né ainda mais nossas áreas são longe de casa né, dá mais de mil metros até chegar pra começar a trabalhar na roça né. Então você tenta ir adaptando alguma coisa. Quando eu não era orgânico né e passava veneno, o mais usado é biofosato no Brasil, não sei se você conhece, aí comecei já me passar mal, me intoxicar, na bomba costal, a gente fala D20, bombando aqui. Aí como eu tinha o tobatinha, eu fiz uma adaptação pra fazer a barra atrás, botava o tambor de 1000 litros, já pra não sentir, ficava pra traz de mim o veneno, aí com o passar do tempo e resolvi não eu quero reduzir o uso, não tá me fazendo bem, eu quero reduzir o uso. Pra reduzir o uso e uma coisa que a maioria faz, ele acessa crédito, fui no BASA, e fiz um financiamento para adquirir um trator, pra reduzir o uso do veneno e acabei logo que eu comprei, acabei mudando, aí não ía usar nada de veneno, aí com o trator. Tenho um trator financiado, comecei a pagar esse ano, já facilita muito pra áreas novas para você roçar, acaba que você vai lá e roça, depois vai só no manual catando alguma coisa que ficou pra traz. Então a tecnologia mais avançada que a gente, que eu uso é uma máquina , a gente pede ajuda aqui ao sogro, e empresta pra ele pra carregar o composto né, não precisa carregar na pá, pelo menos pra carregar, vai no tratozinho, tem uma concha que joga em cima do trator. É isso mas é maquinário pra trabalhar pra reduzir o peso no trabalho de levar e trazer produto para o plantio.

ENTREVISTADOR - E o que vocês fazem para superar essas dificuldades? Esses problemas do dia a dia? Fazem alguma adaptação? Fez algo diferente?

ENTREVISTADO – Quando a gente começou aqui, só tinha um microtrator, meu sogro tinha um já, tobatinha, com a carretinha simples, aí nos comecemos plantar. Eu comecei

plantar mais a minha mulher, e a minha cunhada mais o marido dela. E aí eu falei e agora nós tem que ter um negócio maior, compramos junto a carretinha traçada, financiamos junto nós três, eu, meu sogro e a minha cunhada. Aí ficou um tempo nós três usando a mesma maquininha, aí foi crescendo, crescendo. Ah cada um tem que ter a sua agora. Aí hoje eu tenho 2, 2 tobatinha, mais o trator, eles têm um aqui, a minha cunhada já comprou o dela também, tem o dela. Conforme a necessidade, cê tem, cada um tem o seu. Quando você começa na dificuldade, tem que ser junto né, vamo ter que, não tem que condição de cada um ter a sua máquina, mas chega um ponto, você vê, não, agora eu tenho condição de manter de ter a minha máquina, meu serviço agora um só não dá pra atender todo mundo. Cada um tem que ter o seu.

ENTREVISTADOR - Vocês consideram que houve melhoria na bem estar e na qualidade de vida da família com a questão da atual produção?

ENTREVISTADO – Tem sim, com certeza né. Só que eu fico sempre, por exemplo a gente tem hoje, veículo pra é, pra sair com a família, a maioria do pessoal aqui tem carro, tem moto né pra sair. E no início a gente pra ir pra vila. É difícil quem tinha uma moto aqui, a gente ia com tobatinha daqui pra vila. A minha filha, quantas vezes, a gente ia e levava ela né pra cidade, e aí era difícil, muitas vezes ia de carona. Hoje a maioria tem carro, tem moto, tem uma casinha melhor com ar condicionado. Aqui a maioria tem internet em casa né, internet via rádio, não tem sinal de celular, mas acho que quase nem precisa, tá todo mundo fala pelas redes sociais, né. É o que eu fico um pouco preocupado que quando esse crescimento que a gente tem, de tar melhor de vida, ter condição de viajar, a gente já foi duas vezes pro Sul, visitar os parentes dela lá, a gente quer conhecer o Nordeste, as praia, mas ainda tiramo tempo. É que a gente ás vezes tem bastante coisa, tem uma renda boa, tem muito trabalho, só que isso tira um pouco o tempo da gente tá junto com as pessoas e conversar mas, antes nós tinha menos coisas, mas conseguia tá mais junto das outras pessoas na visita, visitava, agora a gente não tem temo né. Tá tão preocupado , não mas eu tô brincando. Contratei o frete, e o cara já chegou, eu falei espera aí. Mas a gente até tá numa condição melhor de vida, mas na parte social acho que piora, a cada ano acho que piora, acho que tem condição financeira melhor e da parte social tem sempre que cuidar pra não deixar.

ENTREVISTADOR - Em relação ao controle da produção e da qualidade dos produtos? Como que vocês fazem? Vocês produtores fazem ou é feito lá na cooperativa? Tanto no controle como na qualidade?

ENTREVISTADO – Os dois faz né. A gente faz aqui no campo a seleção, a maioria faz isso né. E lá acontece novamente, porque tem espaço né. Foi feito tanto no sítio, na propriedade como la no RECA né, é feito esse controle. E lá tem produto que lá passa duas vezes né, a semente de pupunha passa duas vezes no controle de qualidade. É o palmito, mais. E o cupuaçu a gente classifica aqui pra não estragar e nem passar e lá quando eles quebram tem outra classificação.

ENTREVISTADOR - A questão dos usos dos recursos internos da propriedade. Vocês reutilizam? Como é feito? E em relação aos resíduos, vocês conseguem reaproveitar?

ENTREVISTADO – O nosso cupuaçu é mais novo né. O do pai dela que ela tá cuidando agora que é mais antigo, que tem mais problema de broca, de estragar, daí eles fazem um trabalho aqui bem interessante de aproveitar, até já usaram né. quase como um composto né, só a casca. Mas no nosso caso lá é mais novo ele tem pouca perca né. Não tem muita perca, de estragar. Aproveitar assim não tem muito, não teria. Fica pouco estragado ali. 5% da produção de cupuaçu, no máximo né, quando no máximo se estragar dá 5%, o que a gente faz é que o RECA retira as amêndoas de cupuaçu e manda lá pra extração do óleo né pra virar manteiga, pra cosmético e as casca a gente descarta e já joga próximo das casas ali nas plantas pra fazer adubação. Não se perde. E o que vai pro RECA, depois pega mais dos outros, volta no composto né.

ENTREVISTADOR - Você comercializa alguma outra produção além do SAF, por fora?

ENTREVISTADO – Sim, tem a pecuária em outra propriedade.

ENTREVISTADOR - Nesse caso como é a comercialização? Venda direta?

ENTREVISTADO – Olha eu comecei a pouco tempo né. Fiz 2 vendas só, mas foi direto pra outro produtores que queriam trabalhar com, outros produtores de bovinos. Dentro do RECA, tem 1 que é praticamente vizinho, sócio, o outro já trabalha com gado, foi tudo vizinho, foi tudo aqui.

ENTREVISTADOR - O que vocês consideram que é diferente da sua produção para a produção de outras pessoas? Olhando principalmente pra fora do RECA. Que está agregando valor, que tem resultado positivo pra você? É o fato ser orgânico? É o fato de

ser o SAF? É o fato do local? É o fato da parceria com a cooperativa? O que é o sucesso de vocês?

ENTREVISTADO – Falando do mercado é o fato de ser orgânico né. O mercado enxerga muito isso, esse diferencial. Talvez o cliente nem sabe muito o que é SAF, o que é plantar de SAF, alguns sim, mas talvez a maioria não. Mas o fato de ter o certificado orgânico no produto é que valoriza realmente e também de ter um parceiro comercial, o Fábio deve ter falado já mas a questão que tem muito bom que tem a parceria muito boa com a Natura, de a quase 20 anos, começou em 2000, 2001, esse namoro, e acho que começou a venda em 2004, por aí, começou já a negociação de venda né. Então essa parceria com ela, é onde tá o maior. Então o nosso maior parceiro comercial na linha de óleos né, tem a manteiga de cupuaçu, o óleo da castanha, óleo da andiroba. Mas o carro forte mesmo é o cupuaçu. É porque assim a gente consegue mesmo, mesmo esse ano tendo uma dificuldadezinha de encontrar polpa, quando fala na polpa é a certificação orgânica né, que pesa mais. E quando a gente fala nos óleos é a parceria com a Natura junto com a certificação orgânica, que ela foi uma das grandes incentivadoras, pro RECA conseguir. Quando o RECA iniciou a gente tinha um selo, mas é mais pra venda direta né, que é um certificado que pra venda direta né. Aí ela que incentivou mais pra gente conseguir isso, né. Nessa época eu não tava participando não. Mas eu só ouvia falar. Então é isso né. E quando a gente consegue vender bem a polpa, e ter contrato antecipado com a Natura dos óleos, aí já fica seguro, pra gente ter um bom preço no final, boa valorização.

ENTREVISTADOR - Então essa parceria com o RECA também traz muito esses benefícios para o agricultor? E o fato do selo orgânico e tudo o mais.